

## Lenin:

Dogmático e Doutrinário ou «Protagonista de uma Hegemonia Realizada»?  
Gianni Fresu

**Como citar:** FRESU, G. Lenin: Dogmático e Doutrinário ou «Protagonista de uma Hegemonia Realizada»? *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.315-343. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p315-343>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## LENIN: DOGMÁTICO E DOUTRINÁRIO OU «PROTAGONISTA DE UMA HEGEMONIA REALIZADA»?

*Gianni Fresu*

Com o predomínio do padrão ocidental, após o fracasso do bloco socialista na Europa do leste, a liquidação da herança teórica de Lenin passa a ser uma tarefa seguida com obstinação por grande parte do mundo político, acadêmico e cultural. Assim, entre a maioria dos historiadores do pensamento político, sociólogos, cientistas políticos, economistas ou simples jornalistas, prevalece a tendência a representar sumariamente Lenin como um «doutrinário» rígido e ortodoxo, que tinha a obsessão de abrigar a realidade numa camisa de força para fazê-la aderir aos seus desenhos. O “drama do comunismo” seria então o resultado do fundamentalismo ideológico de Lenin e da sua pretensão por fazer nascer a nova ordem a fórcepe. O século XX tem sido descrito como o século dos horrores, das ditaduras e, nessa leitura apocalíptica, Lenin é representado como a origem do pecado, o diabo responsável pelas desgraças e os lutos de um século ensanguentado, incluído aí o fascismo. Por isso, uma das suas elaborações mais conhecidas, o imperialismo, tem sido combatida com tanta violência.

O sinal desta ofensiva não é neutro, porque nasce da exigência de cancelar a dupla validade do imperialismo, não só para o que tem representado na obra de desmistificação das formas de auto representação do real, mas sobretudo pelos instrumentos de luta fornecidos aos povos

subalternos, aqui nos referimos à luta pela libertação do domínio colonial na Ásia, África e América Latina no século XX

A noventa anos da morte de Lenin, a necessidade de retornar às suas premissas filosóficas e à sua atividade política, surge em primeiro lugar por exigência de evitar estes atalhos e começar um trabalho de investigação o mais sério e rigoroso possível. Para além da liquidação e também das interpretações apologéticas, tal retorno é fundamental, se temos a ambição de compreender o evento revolucionário que marcou profundamente a história da humanidade no século XX.

## **1 ENTRE MARX E DARWIN, AS CERTEZAS IDEOLÓGICAS DO DETERMINISMO SOCIALISTA.**

Embora tenha sido definido como um «doutrinário dogmático», podemos identificar um fio vermelho na atividade teórica e política de Lenin, exatamente na recusa metodológica das orientações mais esquemáticas e rígidas do determinismo marxista, predominantes no movimento socialista na passagem do século XIX para o XX. A segunda metade do século XIX foi caracterizada por muitas transformações, rápidas e profundas, que determinaram um desenvolvimento das forças produtivas sem precedentes históricos. Entre 1860 e 1870 alcança-se o apogeu da livre concorrência; com a crise de 1873 começa a delinear-se o sistema dos cartéis; depois, entre 1890 e 1903 (ano do começo de uma nova crise), observa-se um crescimento nos negócios e nas trocas que levam para uma, cada vez maior, concentração e centralização dos capitais. A organização por cartéis se torna base fundamental de toda a vida econômica, e não mais um fenômeno transitório ligado a um momento da conjuntura. Segundo a expressão de Lenin, o capitalismo transformou-se em imperialismo.

Essas profundas mudanças, marcam a formação e o desenvolvimento do movimento operário, num percurso no qual o encontro com o marxismo coincide com a libertação de uma condição desagregada das grandes massas, que irrompem na cena política. O nascimento do movimento socialista da Segunda Internacional e a afirmação do marxismo como doutrina predominante, são, todavia, profundamente condicionadas por um contexto cultural caracterizado pelo grande interesse pelas ciências

sociais e as ciências naturais, e na qual o mito do progresso se entrelaça ao sucesso das sínteses populares das obras de Darwin, Spencer e Haeckel. Na Alemanha o conjunto desses elementos, assim como a solução de compromisso que se realiza na edificação do Impero Alemão – entre a velha aristocracia rural prussiana, a burguesia e o Estado de Bismarck – cria já nos anos 1860 as condições favoráveis para o nascimento de um forte movimento socialista. A difusão do marxismo no movimento operário alemão encontra dois veículos extraordinários, no semanário “Sozialdemocrat”, editado em Zurique sob a supervisão de Wilhelm Liebknecht, e na “Neue Zeith”, nascida em setembro de 1882 em Salisburgo fundada por Kautsky, Liebknecht, Bebel e Dietz. A “Neue Zeith” se impõe como a primeira revista teórica de um Partido operário e se torna o principal órgão de aprofundamento do marxismo na Segunda Internacional (RAGIONIERI, 1968).<sup>1</sup>

A impositação cultural dos fundadores da revista influí na obra de difusão do marxismo, portanto o marxismo era influenciado pelas sugestões positivistas, na confiança na ciência e no progresso. Ao mesmo tempo a dialética hegeliana, abandonada e considerada descartável, não era conhecida por muitos propagandistas do marxismo, favorecendo a sua vulgarização determinista.

A história desta revista, dos seus debates, das suas viragens, é a história do marxismo da Segunda Internacional. Sobre sua natureza Ernesto Ragionieri faz uma sintética e eficaz definição:

Por marxismo da Segunda Internacional se entende, em geral, uma interpretação e elaboração do marxismo que afirma um caráter científico à sua concepção da história enquanto indica o desenvolvimento em uma sucessão de sistemas de produção econômica, segundo um processo de evolução que só ao limite considera a possibilidade de rupturas revolucionárias, que emergem do desenvolvimento das condições objetivas. (RAGIONIERI, ano, p. 47). 2

Os primeiros a entenderem este equívoco foram os dois autores do *Manifesto do partido comunista*. No prefácio à segunda edição do *Capital* (1873), Karl Marx tem a necessidade de se distanciar dos os «mo-

<sup>1</sup> Do mesmo autor veja-se *Socialdemocrazia tedesca e socialisti italiani 1875-1895*. Milano: Feltrinelli, 1961.

2 RAGIONIERI, Ernesto. *Alle origini del marxismo della Seconda Internazionale*, cit. p. 47.

lestos, presunçosos e medíocres epígonos» que ao seu tempo se permitiam tratar Hegel como um «cachorro morto». Neste escrito, Marx se define abertamente discípulo do «grande pensador»<sup>3</sup>. O escrito mais importante deste ponto de vista é o *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, de 1888<sup>4</sup>, no qual Engels promove um retorno aos elementos essenciais da dialética hegeliana para reafirmar a sua primazia contra as concepções do materialismo mais mecânico e rude. Neste importante ensaio, Engels retorna ao projeto compartilhado com Marx em 1845, ou seja, fazer um acerto de contas com sua própria formação filosófica, enfrentar novamente a concepção ideológica da filosofia alemã.

Substituir a filosofia hegeliana pelo positivismo e as ciências naturais, tem levado muitos marxistas a interpretar o devir histórico e social da humanidade segundo fases consequentes e inevitáveis, “naturalmente” inscritas nas leis da economia; assim como na natureza o macaco se transformou em homem, da mesma maneira, as sociedades humanas estariam destinadas a transitar do modo de produção feudal ao modo de produção burguês, para depois chegar ao socialismo. O ponto político desta abordagem é o predomínio de tendências messiânicas no movimento operário, a atribuição de um papel passivo e subalterno aos verdadeiros protagonistas do processo revolucionário, submetidos aos dirigentes encarregados de ler na economia as contradições insanáveis do capitalismo, destinadas a explodir na “hora H”.

A luta de classe foi interpretada como uma lei da evolução social, que os marxistas tinham só que desvelar, da mesma forma que Newton explicou a Lei da Gravidade. Portanto, a tarefa do movimento socialista, era acumular forças, na espera que a história cumprisse o seu curso, até determinar – como uma lei natural – o fracasso do capitalismo e a ascensão do socialismo. Esta ideia foi a base fundamental do Programa de Erfurt de 1891, que logo seria transformado no maior programa teórico para todos os partidos socialistas do mundo, no universo ideológico para importantes

---

<sup>3</sup> A mistificação à qual sujeita-se a dialética nas mãos de Hegel não impede de nenhuma maneira que ele tenha sido o primeiro a expor amplamente e com consciência as formas gerais do movimento da dialética mesma. Precisamos invertê-la para descobrir o núcleo racional no interior da casca mística. Na sua forma mistificada, a dialética se torna uma moda alemã porque parecia transfigurar o estado das coisas existentes. Na sua forma racional, a dialética é escândalo e horror para a burguesia e para os seus corifeus doutrinários, pois na compreensão positiva do estado das coisas existentes inclui mesmo a compreensão da negação dele». MARX, Karl. *Il Capitale*. Roma: Editori Riuniti, 1994.

<sup>4</sup> ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e il punto di approdo della filosofia classica tedesca*. Roma: Edizioni Rinascita, 1950. Tradução da original edição alemã do 1888 por Palmiro Togliatti.

intelectuais como Karl Kautsky, para os quais a tarefa da socialdemocracia não era organizar a revolução, mas organizar-se para a revolução, não fazer a revolução, mas usá-la.

Entre os anos de 1880 e 1890, a tese sobre a inevitabilidade do fim do capitalismo parecia oferecer uma correta explicação à grande depressão em curso. O estado de instabilidade e as deficiências da sociedade burguesa, geradas a partir da maior crise da produção capitalista, assim como, as piores condições de vida dos trabalhadores durante vinte anos, pareciam uma materialização das teorias sobre a «miséria crescente» e da «crise final». Mas, a nova e impetuosa retomada econômica, iniciada em 1896, e a desilusão sobre a derrota próxima do capitalismo, produziram uma grave crise na ideologia do movimento operário. Neste contexto, entre 1896 e 1898, Eduard Bernstein começou a editar na “*Neue Zeit*” uma série de artigos intitulados *Problemas do socialismo*, depois retomados e ampliados, em 1899, na obra mais famosa do revisionismo marxista, *Os pressupostos do socialismo e as tarefas da socialdemocracia*. (BERNSTEIN, 1968).

Esta longa digressão é necessária para esclarecer um primeiro conceito: propriamente, em polémica com as orientações ortodoxas de Kautsky e aquelas revisionistas de Bernstein, Lenin abre uma dura contenda teórico-política no movimento socialista internacional. Segundo os cânones do socialismo naquele momento, cada país chegaria ao socialismo através do mesmo processo. Por isso, em um país atrasado como a Rússia não seria possível nem sequer pensar num processo revolucionário socialista, sem passar por todas as etapas da “via crucis” do capitalismo e os estados evolutivos da sociedade burguesa. Esta é, exatamente, a contradição localizada pelo jovem Gramsci no famoso artigo *La rivoluzione contro il capitale*, depois da tomada do poder pelos bolcheviques (GRAMSCI, 1975, p. 150). Ao contrário, para Gramsci a revolução de outubro é um manifesto contra o determinismo e também a afirmação de um princípio destinado a marcar a história do século XX: cada país pode percorrer o seu caminho para o socialismo, de acordo com as peculiaridades da sua realidade econômico social, e do seu conjunto histórico e cultural. Segundo Lenin – este é o sentido das críticas a Kautsky, Plechanov ou aos mencheviques – nenhum esquema fixo pode ser considerado único e geral sem transformar o socialismo numa doutrina abstrata. De acordo com Lukács, Lenin foi «o maior pensador do movi-

mento operário revolucionário desde a época de Marx» (LUKÁCS, 1970, p. 13). Já no seu tempo, os detratores afirmavam que Lenin foi só um grande homem político russo, mas lhe faltaria a intuição da diferença entre a Rússia e os países ocidentais Segundo Lukács. Marx também foi acusado de impor universalmente os seus estudos sobre a economia inglesa. Mas, pelo contrário, Lukács afirma que Marx teria localizado na ossatura da fábrica inglesa «as tendências decisivas do capitalismo moderno» (LUKÁCS, 1970, p. 13). Do mesmo modo – na análise sobre o desenvolvimento capitalista num país com relações sociais de produção semifeudais – Lenin localizou a questão central de todo um período histórico, o problema da transição ao socialismo numa nação rural e atrasada. No processo de decomposição do feudalismo e do absolutismo czarista, marcado por sempre mais frequentes sublevações populares contra o poder constituído, as perspectivas revolucionárias se deparavam com a pergunta: a Rússia também teria percorrido o mesmo desenvolvimento capitalista da Europa?

## **2 TRAZER O MARXISMO À REALIDADE CONCRETA DOS CONTEXTOS NACIONAIS**

A abordagem que o jovem Lenin produziu sobre a obra de Marx, privilegia a investigação estatística e econômica da realidade russa. Nesse momento, não se detém em discussões sobre a revolução ou o capitalismo em geral. Metodologicamente, a impostação é diferente em comparação com as outras correntes da socialdemocracia russa. Para o revolucionário russo o marxismo é um instrumento de pesquisa científica para compreender as linhas de tendências dos sistemas de produção e relações sociais. Então, o marxismo assume o seu valor revolucionário através do estudo profundo das «formações econômico sociais» historicamente determinadas, ou seja, das peculiaridades que fazem a perspectiva do socialismo diferente e particular em cada país. Lenin chega a uma leitura original da questão camponesa, num contexto marcado pela afirmação do capitalismo e pela consolidação de uma classe operária aguerrida e radical, fruto do atraso econômico-social e do despotismo czarista. Para os populistas, no entanto, o empobrecimento e a desagregação da comunidade camponesa foram as confirmações da impossibilidade do desenvolvimento capitalista.

Amplamente representativas deste período são três obras que constituem as premissas teóricas de toda a atividade política seguinte de Vladimir Il'ich Ul'janov: *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas?*, de 1894; *Caraterísticas do romantismo econômico, de 1897*; *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, de 1898.

O primeiro livro se inicia com as considerações sobre método e a perspectiva do materialismo histórico. Se os economistas e sociólogos do passado preferiam os discursos sobre o fim, a essência, a descrição da sociedade em geral, Marx se ocupou de uma específica «formação econômico-social», aquela capitalista, a partir da ideia do desenvolvimento das forças produtivas e separando todas as relações produtivas para vê-las num conjunto orgânico (LENIN, 1972, p. 21).

O valor mais científico do marxismo está na sua pesquisa para explicar as específicas leis históricas que determinam o nascimento, a existência, o desenvolvimento e a morte de um organismo social historicamente determinado, e a sua substituição por um outro. Os populistas acusaram os marxistas de crerem e professarem uma fé baseada na «intangibilidade de um esquema histórico abstrato» e uma previsão doutrinária. A resposta do jovem Lenin já apresenta os temas principais da sua futura polêmica com a posição da Segunda Internacional:

Nenhum marxista, nunca e em nenhum lugar, tem defendido que a Rússia será capitalista porque o capitalismo existiu no Ocidente. Nunca nenhum marxista analisou a teoria de Marx como um esquema histórico-filosófico obrigatório para todos, algo mais que a explicação de uma formação econômico-social [...] Nunca nenhum marxista sustentou suas concepção socialdemocratas, senão sobre a correspondência deles com a realidade e com a história das relações econômico sociais determinadas, ou seja russas, e não poderia funda-las sobre outro, porque esta exigência para a teoria é afirmada e posta de um modo claro e preciso, como pedra angular de toda a doutrina de Marx. (Ivi, p. 81-82).

Assim, a pergunta se «a Rússia deve passar pelo capitalismo», segundo Lenin, se fundamenta em critérios estranhos ao marxismo. Se o marxismo fosse entendido como a profissão de fé para uma doutrina por «esquemas abstratos», a resposta àquela pergunta partiria do caráter absoluto do processo dialético, do «valor filosófico geral da teoria de Marx»,



até chegar à inevitabilidade para cada País de atravessar – do mesmo jeito – esta fase. O marxismo, todavia, não se reduz a discursos gerais, mas toma os movimentos, analisando as específicas e concretas «formações sociais», portanto a resposta pode ser encontrada somente nestas.

Um passo a mais na direção desta análise se pode encontrar no livro *Caraterísticas do romantismo econômico*, onde Lenin investiga as teorias econômicas e sociais do principal intelectual do romanticismo econômico no começo do século XIX, Simon de Sismondi, e aquelas semelhantes aos populistas russos. Simon de Sismondi afirmava que o desenvolvimento da grande produção e do trabalho assalariado na indústria e na agricultura criavam uma situação de desequilíbrio, na qual a produção superava o consumo porque, com a transformação das massas camponesas em trabalhadores, simples operários e desempregados, a produção mesma não podia encontrar no mercado interno um número adequado de consumidores. A opinião de Lenin é que Sismondi colhe corretamente como à base da criação do proletariado estava um processo histórico de expropriação das massas dos pequenos produtores (sendo entre os primeiros a fazer uma dura crítica à economia política). Porém, não foi capaz de entender com profundidade os fenômenos conexos à transformação capitalista da sociedade. Lenin reconhece que Sismondi teve o mérito de ter localizado algumas contradições fundamentais do capitalismo, mas também o demérito de ter-lhe dado uma resposta sentimental e pequeno burguesa. Assim, para Sismondi, a ruína do pequeno produtor era a prova do fechamento do mercado interno, da necessidade de um mercado externo e da impossibilidade de um desenvolvimento capitalista, teoria muito difundida entre os populistas. A transformação da pequena propriedade em grande empresa comercial, produzia este resultado pela simples razão que a renda individual dos camponeses assalariados era muito mais limitada, quando comparada a quanto podia garantir a pequena propriedade camponesa. Novamente, segundo Lenin, Sismondi localiza uma contradição real – aquela entre produção, consumo, acumulação – mas evita de investigá-la em profundidade, por isso não é capaz de compreender quanto esta contradição era, na realidade, o eixo fundamental daquela «acumulação originária», primeiro passo até a riqueza comercial, típica da transformação capitalista da sociedade.

O nascimento da grande produção na Rússia e a grande desagregação das velhas comunidades camponesas, ao invés de impedir um desenvolvimento capitalista, reproduziam, ao contrário - embora com formas diferentes - aquele fenômeno que a Inglaterra viveu entre os séculos XV e XVI, que Thomas More descreveu no livro *A Utopia* (2000, p. 24-25) e que Marx investigou no *Capital*, localizando no processo histórico da separação do produtor dos meios de produção, a origem e a gênese do capitalismo (MARX, 1994, v. I, p. 777-836). Existe uma conexão não compreendida por Sismondi entre desenvolvimento do capitalismo industrial e diminuição da população agrária.

Pela «crítica da economia política» o desenvolvimento do capitalismo e da grande produção agrícola, não produz a contração, mas, pelo contrário, a criação do mercado interno. A economia mercantil prepara (é essencial) àquele desenvolvimento, num processo no qual a pequena produção doméstica *é substituída pela grande produção*. Foi esta mesma dinâmica que criou os dois elementos fundamentais do capitalismo moderno:

Os camponeses sem terra expulsos pela agricultura, depois da transformação dos camponeses em locatários, fornecem a força de trabalho ao capital, enquanto os locatários tornam consumidores dos produtos da indústria e não só dos bens de consumos, mas também de meios de produção, que não podem ser os mesmos depois que a pequena agricultura for substituída pela grande. (LENIN, 1957, v. II, p. 128).

O eixo político da reflexão é esse: os populistas afirmam a impossibilidade na Rússia de um desenvolvimento capitalista pelo empobrecimento e a desagregação do mundo camponeses. Lenin, no entanto, julga estes como claras manifestações de um processo capitalista já em curso. Entre as duas doutrinas (romantismo econômico e populismo) existe uma identidade que em primeiro lugar olha a característica essencial do capitalismo - negada por ambos - ou seja, a produção pela produção. Sismondi e o populismo não reconhecem o significado progressivo do capitalismo, ignoram a necessidade do seu desenvolvimento e assim fazem uma crítica sentimental e individualista; ambos, idealizam a pequena produção até transforma-la em organização social e formação econômica alternativa ao capitalismo. Esta contraposição seria o resultado de uma leitura superficial, onde a tarefa é isolar e condenar uma forma da economia mercantil (o

grande capital industrial), para idealizar de maneira utópica e abstrata uma outra forma da mesma economia mercantil (a pequena produção).

Na realidade, o pequeno produtor idealizado pelos românticos e pelos populistas, é um pequeno burguês que se acha em relações contraditórias como cada outro membro da sociedade capitalista, que se defende através da mesma luta, a qual exprime por um lado uma exígua minoria de grande burguesia e transforme, por outro, a maioria no proletariado [...] não existem pequenos produtores que não estejam entre estas duas classes em choque, esta posição intermediária condiciona o papel específico da pequena burguesia, determina as suas oscilações, a sua ambigüidade, o seu gravitar para a minoria vitoriosa, a sua hostilidade para os derrotados, ou seja a maioria. (Ivi, p. 211-212).

A terceira obra do período juvenil é, provavelmente, a mais importante, porque nela a abordagem de Lenin sobre o materialismo histórico é aprofundada. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* é uma obra imponente pela quantidade de dados estatísticos analisados, onde o revolucionário russo descreve um País cada vez mais dominado pelas relações produtivas capitalistas, mas que convivem com a sobrevivência de formas atrasadas, do passado, onde a maioria da população permanece numa dimensão rural feudal ou semifeudal. Embora com contradições, o processo de formação de uma moderna classe capitalista parece uma verdade inegável. A necessidade de uma revolução burguesa é no pensamento de Lenin um elemento comum com as outras almas do movimento, todavia, também a sua aproximação sobre esta questão e a relação dele com a revolução socialista agora já é diferente:

A tendência de criar respostas a perguntas concretas no simples desenvolvimento lógico de uma verdade geral sobre o caráter fundamental da nossa revolução, não seria outro que um envelhecimento do marxismo, escarnecer com o materialismo dialético. De gente deste tipo, que deduz, por exemplo, o papel dirigente da burguesia na revolução ou a necessidade de os socialistas suportarem os liberais, de uma verdade geral sobre o caráter desta revolução, Marx provavelmente diria [...] “tenho semeado dragões para colher pulgas”. (LENIN, 1956, v. III, p. 9).

Plechanov, como os mencheviques, segundo Lenin, tinha o limite de não compreender a natureza, a particularidade, e, por conseguinte, a

diferença do processo que promoveu na Rússia a ascensão do capitalismo. Nos países ocidentais, a burguesia tem assumido um papel de direção econômico-social, antes mesmo que político, sem sombra de dúvida. Na Rússia, pelo contrário, as transformações capitalistas foram o resultado de um compromisso entre a burguesia nacional e a autocracia czarista, entre as classes mais dinâmicas e as velhas camadas parasitárias ligadas ao Czar. Por isso, nesta obra já se pode encontrar, embora em forma ainda embrionária, um tema central que Lenin aprofunda e articula melhor nos três momentos de inflexão de sua trajetória teórica, 1905, 1917, 1921-22: a diferença entre o Oriente e o Ocidente, premissa da categoria da hegemonia. Neste contexto, as perspectivas são substancialmente duas: ou a sociedade baseada sobre a velha fazenda ligada à servidão da gleba se transforma (como os junker da Prússia) em empresa capitalista, mudando todo o regime agrário e com esse o Estado, conquanto guardando algumas relações semifeudais, ou a revolução derruba e varre embora toda a velha sociedade. No primeiro caso, o processo de transformação não pode ser mais que vagaroso, com o problema de unir a exploração capitalista com o domínio político mais reacionário e a expropriação e opressão das grandes massas camponesas. Na ideia de revolução burguesa progressiva, de acordo com Lenin, o desenvolvimento teria derrotado os resíduos feudais com a expropriação dos latifúndios e uma reforma agrária em favor da pequena empresa camponesa. Isso teria acelerado o desenvolvimento das forças produtivas e entre elas do proletariado. Esta revolução não poderia ser conduzida pela burguesia débil e titubeante, já comprometida com o czarismo e incapaz de assumir um papel progressivo como no Ocidente. Segundo Lenin esta tarefa poderia ser realizada só através da estrita aliança da classe operária com os trabalhadores rurais. Então, o tema da reforma agrária já é nessa obra de Lenin a chave para fazer do proletariado uma classe dirigente. É propriamente esta ideia de direção que Gramsci tem em mente quando analisa a função positiva dos jacobinos na Revolução Francesa e aquela negativa do Partito d'Azione no curso do Risorgimento Italiano, e também quando indica o papel da classe operária na aliança com os camponeses do Sul, para resolver a Questão meridional através da construção de um bloco social revolucionário.

A mesma aproximação, que nada tem de doutrinal ou dogmática, está presente também na questão do partido e o seu papel na sociedade,

onde muitas vezes é dominante uma ideia superficial que vai reduzir a concepção organizativa às suas posições da primeira década do século XX (aquela do *Que fazer?*). Pelo contrário, segundo Lenin, não existe uma modalidade única para todas as realidades, mas a resposta tem que nascer da concreta frente de luta na qual o partido se encontra, das condições objetivas do seu trabalho político<sup>5</sup>. Assim, a sua ideia sobre a organização revolucionária até a tomada do poder em 1917, é diferente daquela para ele adequada aos países de capitalismo avançado, em particular depois da derrota dos movimentos revolucionários entre 1919 e 1921, encerrados com o começo do período reacionário marcado pelo fascismo.

### 3 «DA A UTOPIA À AÇÃO»

A preocupação de não «fechar-se numa doutrina como numa armadura» emerge ainda com mais força nas escolhas que antecedem e acompanham a Revolução de 1917. Como já dito, o eixo fundamental para Lenin é que cada País deveria chegar ao socialismo através caminhos próprios, segundo as próprias peculiaridades econômicas, históricas, culturais. Assim, o percurso até o socialismo seria muito diferente quando comparado aos países ocidentais. Em primeiro lugar, há uma concepção das relações com as massas camponesas que não se encontrava nas outras correntes do POSDR e que em 1917 deixou em dúvida, também, muitos bolcheviques, que se apegavam ao velho programa. Para os socialdemocratas os camponeses tinham um papel revolucionário só na fase democrático-burguesa e, de qualquer maneira, para o partido operário não existia nenhuma perspectiva de ação conjunta, de constituição de uma aliança.

Lenin faz uma viragem profunda pela primeira vez entre os anos de 1901 e 1908, propondo a inclusão, no programa do seu partido, das reivindicações das massas camponesas, na convicção que só assumindo o problema de sua direção, o proletariado russo tinham alguma possibilidade de sucesso<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Devido às dimensões e escopo do presente ensaio, não posso aprofundar aqui o tema, remetendo ao meu livro no qual o afrontei organicamente: FRESU, G. *Lenin lettore di Marx. Determinismo e dialettica nel movimento operaio*. Napoli: La Città del sole, 2008.

<sup>6</sup> Essa batalha de Lenin encontra uma síntese significativa no escrito *A questão agrária e os críticos de Marx*. Roma: Editori Riuniti, 1976. Os primeiros nove capítulos foram escritos em 1901, os últimos três em 1907. A publicação clandestina dos nove primeiros capítulos é também de 1901; depois, foram reeditados em 1905 e 1906; por fim, foram integrados os últimos três capítulos e reeditados em 1908.

Tal posição, decisiva em 1917, e depois para a difusão do marxismo nos Países do Oriente asiático, não encontrada em outras elaborações marxistas daquele tempo, foi criticada também por Rosa Luxemburg, porque segundo a revolucionária alemã, tal posição apontava para uma solução pequeno burguesa e não marxista à questão camponesa.

A Revolução de fevereiro, depois de três anos de guerra, mudou profundamente o quadro tático, esgotando rapidamente a fase democrático-burguesa e impondo o tema da passagem do poder ao soviét. Esta transição cria as condições para a edificação do socialismo num contexto institucional – comparável à Comum de Paris – mais avançado da Republica parlamentar. Mas os bolcheviques estavam em posição de minoria nos soviets, então a tarefa seria conquistar a maioria e romper com o governo provisório. A questão camponesa se põe exatamente nesta perspectiva, como esclarecem as *Teses de abril*<sup>7</sup>. Por isso, o partido deveria ser capaz de atrair todos os subalternos, não só os operários, e fazer uma revolução popular, não um putsch, como afirmara claramente em seu artigo de 9 de abril:

Nós não somos blanquistas, não queremos a conquista do poder por parte de uma minoria consciente. Somos marxistas e sustentamos a luta de classe proletária contra a intoxicação pequeno burguesa, contra o chauvinismo e o defensivismo, contra as frases vazias, contra a subalternidade à burguesia. (Ivi, p. 31).

As *Teses de abril* geraram um profundo debate e importantes fraturas entre os próprios bolcheviques, uma parte dos quais não aceitavam a viragem proposta por Lenin, melhor definidas nas *Cartas sobre a tática*, onde o revolucionário faz duras críticas à abstração ideológica que não verifica na realidade concreta as suas afirmações, contra as fórmulas aprendidas mecanicamente e repetidas de memória «as quais podem indicar as tarefas gerais, sempre modificada pela situação econômica e política de

---

<sup>7</sup> «Reconhecer que o nosso partido é minoria, na maior parte dos soviets dos deputados operários, em comparação com o bloco de todos os elementos oportunistas pequenos burgueses, que são sujeitos à influência da burguesia e que estendem tal influência ao proletariado [...]. Explicar às massas que os soviets dos deputados operários são a única forma possível de governo revolucionário e que, portanto, até quando este governo será submetido à influência da burguesia, a nossa tarefa pode ser só explicar às massas com paciência, em modo sistemático e perseverante, correspondente às suas necessidades práticas, os erros da própria tática. Enquanto estamos em minoria, realizaremos uma obra de crítica e explicação dos erros, apoiando ao mesmo tempo a necessidade da passagem de todo o poder estatal aos soviets dos deputados operários, para livrar as massas dos seus erros através da experiência». LENIN, V. I. *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967a. v. XXIV, p. 12.

cada fase do processo histórico [...] o marxista deve levar em conta a vida concreta, os fatos da realidade, não fechar-se na teoria de ontem, que no máximo pode indicar só o fundamental, o geral, que se aproxima mas não pode colher a complexidade da vida» (Ivi, p. 36-38).

Pelos compromissos com a burguesia tradicional, no quadro do governo provisório, os Socialistas revolucionários não podiam realizar o seu programa agrário. Isso criava contradições com a sua base social numa fase de luta entre grande propriedade agrária e pequena burguesia rural. Então, para conquistar a maioria dos soviets, os bolcheviques tinham que inserir-se nesta contradição assumindo o programa da reforma agrária que os Socialistas revolucionários não podiam fazer sem quebrar o governo provisório:

Os camponeses querem conservar a própria empresa, dividir as terras em partes iguais... que assim seja. Nenhum socialista razoável se afastará dos camponeses por isso [...]. Nós não somos doutrinários: a nossa doutrina não é um dogma, mas uma guia para nossa ação. Não temos a pretensão de dizer que Marx e os marxistas conhecem todos os feitos concretos da tarefa que leva ao socialismo. Isto é uma tolice: sabemos onde leva esta estrada, sabemos quais são as suas forças sociais, mas concretamente, praticamente, esta será indicada pela experiência de milhões de homens quando estes se movimentarem. (LENIN, 1967a, v. XXV, p. 270).

No início de nosso texto, havíamos tratado da contribuição teórica de Lenin à formulação de algumas categorias gramscianas. A intervenção no VII Congresso do PC(B) da Rússia, em 1918, é nesse sentido exemplar. Aqui Lenin fala sobre as dificuldades encontradas pela Revolução de Outubro, devido à peculiaridade do contexto russo, diferente tanto da revolução burguesa, quanto daquela socialista num país capitalista avançado. A revolução burguesa nasceu no ventre do feudalismo, «nas entranhas do velho regime», isso favoreceu a criação de novas organizações econômicas e a transformação da ordem da velha sociedade feudal. Nesse sentido, a burguesia conseguiu conquistar a direção do processo econômico antes de tomar o poder político. Assim sua tarefa principal foi quebrar as cadeias da velha sociedade e reforçar a explicitação das suas estruturas econômicas. Muito diferente e mais complicado foi o desafio da Revolução de Outubro:

Quanto mais atrasado é o país onde, em virtude dos zigzagues da história, começou a revolução socialista, tanto mais difícil é para ele

transitar das velhas relações capitalistas àquelas socialistas. Aqui a tarefa de destruição se acrescentam os trabalhos novos, de grande dificuldade, para as organizações. (LENIN, 1967b, v. XXVII, p. 75).

Na Rússia as classes dominantes não conseguiram exercer uma real direção sobre as classes subalternas e, portanto, a tomada do poder foi relativamente simples. Isso devido ao «gênio criativo popular» capaz de organizar os sovietes antes que qualquer partido tivesse o tempo para lançar esta palavra de ordem. Através dos sovietes, já em 1905, foram criadas as condições para tomar o poder. Por isso em 1917 a edificação do poder político não foi difícil, pois este se fundamentou nas instituições do povo. Mas a rápida criação do poder não podia resolver os problemas de construção da sociedade socialista. A Rússia não só tinha um atraso estrutural das forças produtivas, e o que ficava do velho aparato produtivo foi destruído pela guerra e o fracasso do velho regime. Nessa análise é possível localizar o primeiro núcleo da hegemonia, ou seja, a categoria que foi utilizada nas leituras liberais sobre Gramsci para afirmar o seu afastamento do comunismo.

Nas diferentes leituras sobre o intelectual da Sardenha se afirmou uma tendência favorável a teoria da descontinuidade entre as reflexões de um primeiro Gramsci dirigente comunista, e de um outro do período do cárcere. Uma ruptura entre a produção anterior e posterior ao ano de 1926: a primeira pertenceria ao Gramsci político, homem de partido, ou seja, um fanático comunista; a segunda, pertence ao Gramsci filósofo, maduro homem de cultura, e representaria a sua chegada à socialdemocracia. Assim, o conceito de hegemonia seria a prova desta ruptura com Lenin. Esta tendência, originada das exigências mais políticas que científicas, se revelou sem rigor filológico, mostrando em pouco tempo todos os seus limites.

Pelo contrário, a teoria de Lenin é uma premissa fundamental à definição de hegemonia. Assim, para ele, nos países capitalistas avançados, é mais difícil fazer a revolução socialista, porque a sociedade burguesa tem instrumentos de controle e repressão sempre mais sofisticados, proporcional ao próprio nível de desenvolvimento. Portanto as massas se acham enquadradas nos esquemas da direção política, econômica e cultural da sociabilidade burguesa. Aqui está o eixo fundamental para Gramsci: nos Países Ocidentais o trabalho de preparação da revolução tinha que ser



muito mais cuidadoso do que aquele do contexto russo. Diferentemente do que aconteceu na Rússia, no Ocidente o assalto ao poder estatal é inútil sem uma conquista hegemônica da sociedade civil. Este é o sentido das famosas notas sobre a «guerra de manobra» e «guerra de posição». Segundo Gramsci, Lenin foi o primeiro a entender o problema, mas não teve como aprofunda-lo. Estas reflexões têm um valor muito importante para a ciência política porque abrem um campo de análise totalmente novo sobre as formas do poder político. No *Caderno sete* escreveu Gramsci:

No Oriente o Estado é tudo, a sociedade civil é primitiva e gelatinosa; no Ocidente, entre Estado e sociedade civil, havia uma justa relação, e em qualquer abalo do Estado se avistava logo uma robusta estrutura da sociedade civil. O Estado era só uma trincheira avançada atrás do qual se situava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas; mais ou menos, de Estado a Estado, se entende, mas exatamente isto pedia uma cuidadosa investigação de caráter nacional. (GRAMSCI, 1977, p. 866).

Estas são as palavras por Lenin:

Começar sem preparar a revolução num País onde o capitalismo é desenvolvido, que tem dado, até ao último homem, uma cultura e um método de organização democrático é errado, é um absurdo. (LENIN, 1967b, v. XVII, p. 85).

Em 1917 na Rússia, existiam as condições subjetivas para a revolução socialista, mas não o nível avançado das forças produtivas. Pelo contrário, na Alemanha encontrava-se esta última condição, mas não o primeiro fundamento. A Revolução de Outubro se afirmou com a convicção da próxima ascensão do processo ao restante da Europa, e a situação do velho continente depois da guerra parecia confirmar esta previsão com as mobilizações revolucionárias na Alemanha e o nascimento da República Húngara dos Conselhos operários e camponeses. Embora esta experiência fora derrotada já em 1919 pela intervenção das forças comandadas por Horthy, as esperanças revolucionárias pareciam de qualquer maneira estarem vivas no verão do 1920, com o avanço do Exército Vermelho no em torno de Varsóvia, com a explosão do «biênio vermelho» na Itália, os

acontecimentos na Alemanha<sup>8</sup>. Entre o outono de 1920 e março do 1921, todas estas perspectivas foram derrotadas, num contexto muito crítico, pela Rússia cercada por forças contrarrevolucionárias e envolvida na crise de abastecimento no campo. Nesse contexto se abriu, entre junho e julho de 1921, o Terceiro Congresso da Internacional Comunista, com razão considerado um momento de mudança tática na história do movimento, onde foi lançada a palavra de ordem do «Frente Única» pela conquista da maioria das classes subalternas. Por razões de tempo, não podemos nos aprofundar nos importantes trabalhos desse Congresso, nos limitamos somente ao posicionamento de Lenin sobre a «Frente Única» e a necessidade de levar em conta a mudança na realidade internacional, com o começo de um período de equilíbrio desequilibrado e o risco de uma fase de duro refluxo reacionário:

Preparar atenciosamente a revolução e fazer um estudo aprofundado do seu desenvolvimento concreto nos Países capitalistas mais avançados [...] aproveitar desta breve tregua para adaptar a nossa tática aos “zigzagues” da história. Quanto mais organizado é o proletariado de um país capitalista desenvolvido, tanto maior seriedade a história exige de nós na preparação da revolução, tanto mais devemos conquistar a maioria da classe operária. (LENIN, 1967a, v. XXXII, p. 456-457).

De acordo com Gramsci, este é o eixo fundamental, através do qual Lenin compreende a exigência no Ocidente, depois da falência das perspectivas revolucionárias e o abrir-se da ofensiva reacionária. A necessidade de uma mudança da «guerra de manobra» à «guerra de posição». A primeira teve sucesso na Rússia em 1917, mas a segunda só era possível naquele momento no Ocidente, onde a sociedade civil era muito desenvolvida e a capacidade hegemônica das classes dominantes muito superior. A reforçar esta posição, Karl Radek apresentou as *Teses sobre a tática*, redigidas com a supervisão de Lenin, onde foi encarado o problema central para a elaboração de Gramsci no cárcere: a diferente articulação social e capacidade organizativa da burguesia, junto aos limites dos partidos comunistas, não levaram, ao final da guerra, à vitória da revolução no Ocidente. O processo se revelou muito mais complexo e longo do que o previsto,

<sup>8</sup> Para outros aprofundamentos, HÁJEK, Miloš. La discussione sul fronte unico e la rivoluzione mancata in Germania. In: STORIA del marxismo. Torino: Einaudi, 1980. v. III: *Il marxismo nell'età della III Internazionale*, p. 442-463.

então a primeira tarefa não era preparar a guerra civil, mas um trabalho de organização para criar raízes nas sociedades nacionais. Isso levou Lenin e o Comitê Executivo da Internacional a lançarem a palavra de ordem da conquista das grandes massas trabalhadoras, para fazer dos partidos no Ocidente não mais pequenos grupos de vanguardas, seitas comunistas que querem impor a própria influência com a propaganda, mas grandes exércitos do proletariado que se constroem nas lutas sociais. O trabalho para pôr em contato as massas com o partido, deveria acontecer em primeiro lugar no plano sindical e, por sua vez, a organização tinha que construir os seus objetivos através das batalhas concretas dos trabalhadores.

O movimento comunista precisava combater o oportunismo, mas também a vazia fraseologia revolucionária, que impedia a compreensão das reais relações de força, ignorando as dificuldades das lutas. O ponto fundamental, nas *Teses de Lion*, redigidas por Gramsci quatro anos depois, é que o partido comunista deveria pôr-se como o chefe de todas as reivindicações parciais dos trabalhadores, para estendê-las e radicaliza-las, até transformá-las em lutas gerais da classe operária.

Voltando à intervenção de Lenin, a questão colonial também foi central em suas elaborações, para a qual a maioria dos partidos da II Internacional tinham uma atitude sentimental e moralista, de simpatia para com os povos coloniais oprimidos, mas não atribuíam a esse movimento uma importância pela luta geral até o socialismo. Os comunistas, pelo contrário, deviam compreender que desde o início do século centenas de milhões de indivíduos agiam como «fatores autônomos ativos». Nas futuras batalhas revolucionárias as lutas anticoloniais – para a libertação nacional e contra o imperialismo – teriam assumido um papel mais importante do que se poderia esperar. Foi esta consciência que empurrou a Internacional Comunista a investir recursos e energias nessas lutas, encarregando-se dos problemas ligados à preparação e ao suporte das mesmas.

Nas considerações sobre a frente interna russa, a viragem aparece com toda a sua evidência em dois pontos: a política das alianças e a questão camponesa. Se em 1917 a burguesia estava desorganizada e fraca politicamente, agora tinha alcançado o nível de consciência e desenvolvimento político da burguesia ocidental. Por isso, disse Lenin, mesmo depois da tomada do poder pelos bolcheviques, permanecia no País uma dura luta

de classe, onde a burguesia tinha ainda um instinto e uma consciência mais avançada do que aquela dos oprimidos. Assim, ao explicar uma diferente atitude do proletariado em relação à grande burguesia, os velhos proprietários fundiários e a pequena burguesia, Lenin definia o novo quadro tático que serviria de base para a NEP. Depois dos anos do comunismo de guerra a revolução precisava de uma aliança com a pequena burguesia, para reforçar a luta de classe contra a grande burguesia. Ainda o tema das relações entre operários e camponeses voltava ao centro do debate; a tarefa □ substituir a hegemonia da grande burguesia por aquela do proletariado. A aliança militar da guerra civil não era suficiente o bastante. Como na reforma agrária de 1917, a revolução necessitava de uma nova aliança econômica, porque sete anos de guerra sem fim tinham produzido privações intoleráveis para os camponeses, devido à paralisia da economia, com péssimas colheitas, falta de forragem, escassez de combustível. Este desastre podia ser superado, salvando a revolução, com uma nova política econômica capaz de reforçar aquela aliança periclitante e reconstruir uma relação orgânica entre cidade e campo, produção industrial e camponesa. A NEP foi uma necessidade inadiável para promover o salto, no desenvolvimento das suas forças produtivas, numa Rússia rodeada pelas potências ocidentais onde o fracasso das tentativas insurrecionais reforçou o desejo dos governos de derrotar também a experiência soviética. Todos esses eixos foram reafirmados e reforçados no IV Congresso da Internacional Comunista em novembro 1922, o último Congresso em que Lenin exerceu a direção política.

### 3 LENIN E A FILOSOFIA

Segundo um profundo conhecedor de Lenin, Luciano Gruppi, sua concepção filosófica não emerge só dos escritos de caráter estritamente filosófico, como os *Cadernos filosóficos*: as encontramos também em escritos políticos, como o *Que fazer?*, ou *As duas táticas da socialdemocracia*. Nesses textos, verifica-se o debate sobre a importância que Lenin atribuiu ao momento da consciência do partido, a unidade dialética da relação sujeito-objeto, determinada pela intervenção consciente do sujeito no processo histórico. Gruppi, não casualmente escolhe o prefácio a *Materialismo e empiriocriticismo* para afirmar que a impoção filosófica de Lenin só pode ser compreendida no conjunto da sua obra, e não de forma

fragmentada, por este ou aquele escrito específico. Uma ideia bem esclarecida por Gramsci em algumas reflexões sobre a contribuição de Lenin ao materialismo histórico:

A proposição contida na introdução à Crítica da economia política, que os homens tomam consciência dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias, deve ser considerada uma afirmação de caráter gnosiológico e não puramente psicológico e moral. Disso se desdobra que o princípio teórico prático da hegemonia tem também esse um valor gnosiológico e, portanto, é neste campo que se deve buscar a abordagem teórica máxima de Ilici à filosofia da práxis. Ilici teria feito progredir efetivamente a filosofia porque fez progredir a doutrina e a prática política. A realização de um aparato hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de consciência, é um feito filosófico. (GRAMSCI, 1977, p. 1249-1250).

Ainda mais claras são as notas intituladas *Posição do problema*, sempre no *Caderno sete*:

Marx é um criador de Weltanschauung, mas qual é a posição de Ilici? É puramente subordinada e subalterna? A explicação está no mesmo marxismo – ciência e ação. A passagem da utopia até a ciência e dá ciência à ação. A fundação de uma classe dirigente (ou seja, de um Estado) equivale à criação de uma Weltanschauung. [...] Para Ilici isto realmente acontece num terreno determinado. A Hegemonia realizada significa a crítica real de uma filosofia, a sua real dialética [...]. Fazer um paralelo entre Marx e Ilici é estúpido e inútil: exprimem duas fases: ciência-ação, que são homogêneas e heterogêneas ao mesmo tempo. (Ivi, p. 881).

Na passagem seguinte Gramsci faz um curioso paralelo da relação entre Marx e Lenin, com aquele entre Cristo e São Paulo, que esclarece a sua opinião sobre uma categoria, surgida depois da morte de Lenin, ainda hoje razão de conflito no movimento marxista, aquela do marxismo-leninismo:

Assim, historicamente, seria absurdo um paralelo entre Cristo-Weltanschauung, São Paulo organizador, ação, expansão da Weltanschauung: eles são ambos necessários na mesma medida e, todavia, são da mesma estatura histórica. O cristianismo poderia se chamar, historicamente, cristianismo-paulinismo e seria a expressão mais correta (só a crença na divindade de Cristo tem impedido um caso deste gênero, mas esta crença é também um elemento histórico, e não teórico) (Ivi, p. 882).

O tema filosófico no pensamento de Lenin está, portanto, estritamente entrelaçado à batalha política. Um partido revolucionário segundo Lenin não pode empenhar-se em disputas filosóficas. Todavia, não podemos desprezar uma visão do mundo ou ser indiferente às ligações entre teoria e práxis. O choque com os empiriocriticistas esclarece como a ideia de separar política e filosofia no pensamento de Lenin seria uma pretensão sem possibilidade de sucesso. O empiriocritismo encontrou espaço no movimento socialdemocrata numa fase de refluxo seguinte à derrota da revolução democrática do 1905. Por isso, embora Lenin se considerasse, nas questões filosóficas, um «marxista de base», não se retira do estudo dos temas filosóficos em discussão, com a tarefa de munir-se teoricamente na polêmica e reafirmar as noções de objetividade do marxismo. *Materialismo e empiriocriticismo* nasce assim e, para Luciano Gruppi, ainda todas as atenções de Lenin são orientadas aos argumentos do materialismo, enquanto encontram limitado aprofundamento os temas do materialismo dialético. O interesse pela «dialética dos processos reais», da necessidade de o pensamento ser capaz de colhe-la no conjunto como totalidade, típico no Lenin mais maduro, ficam aqui ainda marginais. Por isso, *Materialismo e empiriocriticismo*, para ser apreciado, deve ser contextualizado no quadro histórico e na luta política de seu tempo, mas não pode ser considerada a obra que exprime ou define a filosofia de Lenin.

A importância da dialética e a contribuição hegeliana é o núcleo de alguns artigos escritos por Lenin entre 1908 e 1913, depois editados num livro, *Karl Marx, em 1925*. No primeiro, significativamente intitulado *Três fontes e três partes integrantes do marxismo*, Lenin reproduz um conceito elaborado por Engels: a doutrina de Marx tem seguido e desenvolvido as três mais importantes correntes de ideias do século XIX produzidas nos três países mais avançados historicamente, a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa, o socialismo francês. Lenin afirma que no pensamento de Marx a dialética é a ciência das leis gerais do movimento, tanto na realidade objetiva exterior, quanto nas ideias do homem, por isso ele absorveu e desenvolveu esta parte revolucionária da filosofia hegeliana, desenvolvendo o materialismo dialético, que estabeleceu a inutilidade de qualquer filosofia sobre outras ciências. A dialética é o que fica da filosofia precedente que, em Marx como em Hegel, tem em si uma teoria do co-

nhecimento mais complexa do que o positivismo determinista, capaz de considerar o objeto da própria investigação historicamente:

Um desenvolvimento não mas em espiral; uma revelação por saltos, catastrófico, revolucionário; a interrupção do gradual; a transformação da quantidade em qualidade; dos impulsos interiores do desenvolvimento, gerados das contradições, dos choques entre diversas formas e tendências produzidas resta um corpo, ou entre os limites de um fenômeno ou no interior duma sociedade: a interdependência e a ligação mais estreita e indissolúvel entre todos os lados de cada fenômeno, ligação que realiza um processo de mudança único, universal, submetido a leis: tais são algumas características da dialética, doutrina do desenvolvimento mais rica do que as doutrinas atuais. (LENIN, 1992, p. 20-22).

Para evitaras incoerências unilaterais do velho materialismo, Marx, segundo Lenin, se pôs o problema de conciliar a ciência da sociedade com a base materialista e de reconstruí-la sobre ela. A aplicação do materialismo ao campo dos fenômenos sociais, portanto o abandono da natureza especulativa e filosófica do materialismo de Feuerbach, tem posto fim ao dois principais defeitos das velhas concepção históricas: 1) em sua maioria estas levavam em consideração só os fatores ideológicos, sem investigar as raízes da produção material e, portanto, sem compreender as leis de desenvolvimento das relações sociais; 2) estas teorias descuidavam das ações das massas<sup>9</sup>, enquanto o marxismo foi o primeiro a fornecer os instrumentos para investigar com precisão científica as condições de vida social, popular, e as suas mudanças. O materialismo histórico abriu a estrada a um «estudo universal, completo, do processo de origem, desenvolvimento e decadência de todas as formações econômico sociais», abriu o caminho ao estudo científico da história que, embora o conjunto das suas formidáveis contradições, assume o caráter de processo unitário submetido a leis bem precisas. A obra de Marx não é para Lenin o parto da especulação intelectual de um demiurgo que estaria além da civilização mundial

<sup>9</sup> Na *Ideologia alemã* Marx afirma que o materialismo histórico se encaminha não a partir do que os homens dizem, como se imaginam e se representam, para chegar depois aos homens vivos, mas a partir dos homens realmente ativos no processo real, de suas vidas concretas; assim se explica também o desenvolvimento dos reflexos e dos ecos ideológicos desse processo de vida, «ele parte dos pressupostos reais e deles não se afasta nunca. Os seus pressupostos são os homens, não isolados e fixados fantásticamente, mas no processo real de seu desenvolvimento, quando é representado este processo da vida ativa, a história acaba de ser uma mera junção de fatos mortos, como acontece com os empiristas que são também abstratos, ou uma ação imaginária por sujeitos imaginários, como acontece com os idealistas», cit. p. 13-14.

(MARX; ENGELS, 1999, p. 50-53). Ele tem afrontado «questões já postas pelos setores mais avançados da história do pensamento da humanidade». A teoria de Marx é a continuação direta da obra dos maiores representantes das doutrinas filosóficas, econômica e do pensamento socialista. Segundo Lenin, o materialismo histórico estaria expresso em três obras de Marx e Engels: o *Ludwig Feuerbach*, o *Antidürring*, o *Manifesto*. Obviamente entre estas não está a *Ideologia alemã*, editada pela primeira vez só nos anos 1930.

Assim, quando a Europa é arrastada com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Lenin sente a exigência de se debruçar, ao lado dos seus estudos econômicos e políticos, ao tempo concentrados sobre o imperialismo, sobre uma pesquisa filosófica para melhor entender os instrumentos da investigação dialética. Exatamente na fase de máximo empenho de análise e de enfrentamento no movimento operário socialdemocrata, Lenin volta ao estudo não só de Marx e Engels, mas da obra de Hegel. Assim, em 1914, Lenin começa o estudo da *Ciência da lógica* e em 1915, das *Aulas sobre a história da filosofia e sobre a filosófica da história*, com a convicção que sem um conhecimento profundo destas obras também a compreensão do *Capital* seria limitada. O resultado destas leituras são as notas dos *Cadernos filosóficos*, editados pela primeira vez entre 1929 e 1930. Não uma obra filosófica orgânica, mas – embora na forma desagregada de anotações – um dos mais importantes resultados da sua produção teórica. O tributo mais significativo à continuidade entre os dois filósofos se acha numa nota na qual Lenin põe em evidência a *lógica* presente no *Capital*:

Embora Marx não deixou uma *Lógica*, nós temos a *lógica* do *Capital*, que necessita ser utilizada ao máximo na realidade concreta. No *Capital* se aplica uma só ciência lógica, a dialética do conhecimento do materialismo, o que em Hegel é o mais precioso, desenvolvendo-o. (Ivi, p. 341).

Esta *Lógica* aparece na forma com que Marx afronta a relação entre mercadoria e dinheiro, mercadoria e capital, a produção de mais valor, absoluto e relativo. Ao comentar o resumo de *Heráclito*, Lenin explica a diferente abordagem de Hegel, por Ferdinand Lassalle em comparação a elaborada por Marx. Se o primeiro se limita a «remastigar, repetir e transcrever de maneira escolástica Hegel», em Marx, pelo contrário, se encontra um interesse vivo, não repetitivo, um enriquecimento que preenche de



novidade o movimento do pensamento, que volta à superação tanto do idealismo quanto do materialismo contemplativo de Feuerbach.

Nessa passagem podemos encontrar a crítica contundente de Lenin aos marxistas deterministas, em primeiro lugar Kautsky, sobre o desconhecimento da centralidade da dialética no pensamento de Marx. Cada concepção de cético subjetivismo, que considera o desenvolvimento como repetição, diminuição ou aumento, se revela árida em comparação à riqueza da dialética. Marx no *Capital* revela o sentido do desenvolvimento como unidade dos opostos, e dessa forma descobre todas as contradições da moderna sociedade capitalista, partindo do seu elemento mais elementar: a troca das mercadorias. Partindo dessa «célula da sociedade burguesa» Marx localiza o fio dessas contradições, desde o princípio até a fim. A dialética do capitalismo é só um caso particular da dialética em geral, a exposição do *Capital* nos explica o método de estudo da dialética através de um conceito básico, o individual que é universal. A dialética nos diz que os opostos são idênticos e que o individual não existe por si, mas só em relação ao seu oposto, o universal, que existe só no individual e através dele. Já nesse conceito encontramos, em forma embrionária, a ideia de necessidade, de conexão objetiva da natureza<sup>10</sup>. Desse modo, se pode descobrir em cada proposição todos os elementos da dialética, compreendendo assim que a dialética da conta da totalidade do conhecimento humano.

As ciências naturais nos apresentam a natureza objetiva com essa mesma propriedade: transformação do individual em universal, do acidental em necessário, traspassos, degradações, conexão recíproca dos opostos. A dialética é a teoria do conhecimento do marxismo: exatamente nesse aspecto (que não é só aspecto, mas essência) do problema não tem prestado atenção Plechanov, para não falar de outros marxistas. (Ivi, p. 364).

\* \* \*

Os *Cadernos filosóficos* são a síntese do seu percurso filosófico, estritamente entrelaçado à sua obra mais propriamente política e econômica. A constante interação entre teoria e práxis é o elemento que mais caracteriza a figura de Lenin, num panorama – aquele do marxismo depois

10 «Acidental e necessário, fenômeno e essência estão aqui já presentes porque no dizer: Ivan é um homem, Žučka um cão, essa é uma folha da árvore, deixando de lado como acidentais muitos traços, separamos o essencial do aparente e opomos um ao outro», Ivi, p. 364.

Marx – onde estas duas exigências raramente têm encontrado uma unidade orgânica efetiva.

De acordo com Lubomír Sochor (1980, v. III, p. 702), nas primeiras décadas do século XX não se encontra no marxismo a necessidade de aprofundar e reelaborar as principais questões filosóficas. Se na economia, nesses anos, o marxismo vive um desenvolvimento novo, através das categorias conexas ao imperialismo, na filosofia Sochor encontra só obras de divulgação ou, no máximo, redigidas em polémica com as posições do revisionismo filosófico. A iniciativa teórica nesses anos é dos revisionistas, que põem problemas e dúvidas sobre muitos termos da teoria marxista, enquanto os ortodoxos se limitam a responder com citações dos clássicos.

Além dos problemas sobre o método e a gnosiologia no debate entre essas duas vertentes, nesse período, a discussão teórica está concentrada sobre a concepção «ampla» ou «restrita» de marxismo: no primeiro caso, se concebe o marxismo como uma teoria realizada e autônoma, que não precisa das contribuições de outras filosofias; no segundo, se concebe como uma particular teoria científica – ou seja, como economia-política, concepção materialista da história, ciência da luta de classe –, enquanto se recusa a ideia do marxismo como visão do mundo universal, orgânica e coerente. Portanto, nesses anos não nasce nada de novo e original em chave filosófica, entre as poucas exceções. Além de Labriola e Plechanov, Sochor indica Lenin, empenhado nos anos do exílio na Suíça a confrontar-se com os seus limites filosóficos. Todavia, os *Cadernos filosóficos*, ficaram trancafiados numa gaveta até 1929-30, sem poder exercer nenhuma influência sobre o debate filosófico nos anos 1910 e 1920.

A obra de Lenin e a sua atenção pelos temas das fontes do marxismo, foi abordada por outros autores, como Gramsci e Lukács, que a desenvolveram ao máximo nível. Segundo este último o marxismo se caracteriza pelo seu método dialético revolucionário, superando a distinção entre teoria e práxis, os seus conceitos não são esquemas rígidos imutáveis, ou instrumentos racionais isolados, que se podem compreender só por abstração, mas realidades viventes, capazes de produzir uma superação processual ininterrupta, no qual «cada conceito se torna o oposto da sua formulação originária». Para os revisionistas a dialética violenta a realidade só pelo amor do método, demonstrando-se incapaz de compreender a ciência

moderna baseada sobre os «fatos»; a dialética seria um resíduo superado da filosofia hegeliana, que teria de ser descartada, para que o socialismo pudesse assumir um método científico sem prejuízos. Na realidade, com a eliminação do método dialético se privaria o marxismo do seu rigor e da sua força revolucionária. Somente a coleta bruta dos fatos não faria compreensível a necessidade da revolução e da transformação do estado de coisas existentes, porque só a dialética demonstra como cada modo de produção tem em si os elementos da sua ruína e da sua superação. Se o ecletismo dos revisionistas, como Bernstein, foi baseado sobre a recusa do método dialético, por outro lado, a vulgarização do marxismo por alguns de seus defensores ortodoxos, como Kautsky, tem a sua origem mesmo no abandono, embora não declarado, da dialética.

Enquanto Bernstein declarava abertamente que a tarefa final para ele não existia, mas que o movimento era tudo, Kautsky e os seus seguidores têm relegado ao objetivo final um papel de divindade celeste, têm envolvido o objetivo final numa aura de sublimidade estranha a cada realidade imediata. (LUKÁCS, 1972, p. 28).

Assim, o socialismo se transformaria numa fórmula vazia, útil para embelezar as conclusões de discursos, livros ou manifestos. A revolução em Marx tem caráter processual e o contínuo crescimento de diferenças de quantidade se transforma em diferença de qualidade<sup>11</sup>, na unidade dialética de cada momento vai encontrando a possibilidade da revolução. Marx chega a compreender a unidade-totalidade do processo dialético, ou seja, como o todo prevalece sobre cada parte, e como se deve chegar a cada parte avançando do todo e não vice-versa. Desse modo, consegue descobrir o engano da economia política liberal que considera cada elemento do processo econômico, para depois chegar ao sistema econômico como um todo. Segundo Lukács, assim, a economia política faz aparecer alguns pressupostos do modo de produção (a propriedade privada, o direito burguês) como leis naturais eternas, «suporte necessário da existência humana». Por

---

<sup>11</sup> «Cada momento do curso normal do movimento operário, cada aumento salarial, cada redução do horário de trabalho etc., é, portanto, uma ação revolucionária, porque exatamente desses momentos se compõem aquele processo que a um certo momento se transforma num elemento qualitativamente novo, elemento que se põe em contradição com a produção capitalista. Mas estes momentos individuais podem se tornar revolucionários só na unidade do método dialético. Àqueles que permanecem somente no primeiro nível, o movimento operário acaba em reformistas reivindicações salariais», lvi, p. 30.

isso a economia política pode compreender o funcionamento da produção entre algumas relações, mas é incapaz de explicar como nascem historicamente aquelas relações produtivas.

Se Marx foi o primeiro a reconhecer a natureza historicamente determinada, não eterna, das leis econômicas, Hegel soube reconhecer a história mundial como um processo unitário dialético, no qual as transformações não ocorrem devido as inacessíveis leis divinas ou naturais, mas ao estrito entrelaçamento de contradições objetivas e subjetivas no mesmo corpo social. Assim, se antes as transformações ligadas à revolução francesa foram explicadas com categorias conceptuais externas ao corpo social – como as teorias da conspiração ou aqueles que comparam a revolução às catástrofes naturais (terremoto, erupção, inundação), ou doenças – Hegel é o primeiro a fornecer um quadro conceptual histórico racional dos processos revolucionais (LOSURDO, 2001).

O método dialético é o que consegue evitar as utopias do reformismo, e também o messianismo do marxismo vulgar, ambas com o mesmo fundamento de recusa ou abandono, ou simplesmente a ignorância do papel da dialética no materialismo histórico. Esta centralidade foi reafirmada por Lukács também na resenha à nova edição das *Cartas de Ferdinand Lassalle*, assim como a crítica do velho marxismo ortodoxo<sup>12</sup>.

Portanto o que caracteriza o marxismo não é o predomínio das motivações econômicas na explicação das dinâmicas históricas, mas a chamada categoria da totalidade, o predomínio do inteiro sobre cada parte, ou seja o método da filosofia hegeliana reelaborado com originalidade por Marx, através da sua inflexão materialista, e posto como instrumento duma nova ciência histórica<sup>13</sup>.

No livro *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista* – escrito no outono de 1938, mas editados entre 1947 e 1948 – Lukács se coloca a tarefa de «demonstrar as específicas raízes alemãs da obra de Marx»

<sup>12</sup> «A evolução juvenil de Marx é ocupada da crítica a Hegel, da superação interna de Hegel, que se realiza de forma tão radical que Marx nunca mais retornará de forma explícita a este tema, embora ocasionalmente continue o propósito de fazer um breve compendio do núcleo utilizável da lógica hegeliana, mesmo que o núcleo da filosofia hegeliana, superado e conservado por Marx no seu pensamento, seja mais importante do que o admitem os marxistas vulgares», LUKÁCS, György. *Scritti politici giovanili 1919-1928*, p. 206.

<sup>13</sup> Lukács dice: “o domínio da categoria da totalidade é o veículo do princípio revolucionário na ciência”.

(LUKÁCS, 1960). Nesse programa de investigação científica encontramos a mesma premissa dos *Cadernos filosóficos* de Lenin – inspiração fundamental para Lukács – mais em geral se pode localizar o sentido da contínua necessidade de aprofundamento que – a partir do estudo da concreta formação econômica social russa entre 1893 e 1898 – marca a existência política e filosófica de Lenin. «A passagem da utopia à ciência e da ciência à ação», nessa definição de Gramsci sobre Lenin é, para nós, a melhor síntese da relação teórico-política entre o revolucionário russo e Marx, e a sua tentativa de sair do ecletismo entre marxismo e positivismo, que trancafiaram «a realidade na esfera da natureza morta», até transformar «a pesquisa filosófica numa nova teologia materialista (GRAMSCI, 1977, p. 85). Nesse intento se encontra a riqueza não dogmática ou doutrinária da obra de Lenin e sobretudo a sua eficácia prática. Talvez, esteja aqui o problema que para a cultura dominante faz de Lenin o «diabo do século XX», a origem do pecado original deste século. Não um revolucionário idealista que se chocou com a impossibilidade de transformar a ordem natural das coisas, um revolucionário derrotado, mas, para falar ainda com as palavras de Gramsci, «o protagonista de uma hegemonia realizada», ou seja, «a crítica real de uma filosofia, a sua real dialética».

## REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, E. *I presupposti del socialismo e i compiti della socialdemocrazia*. Bari: Laterza, 1968.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e il punto di approdo della filosofia classica tedesca*. Roma: Edizioni Rinascita, 1950.

FRESU, G. *Lenin lettore di Marx. Determinismo e dialettica nel movimento operaio*. Napoli: La Città del sole, 2008.

GRAMSCI, A. *Scritti giovanili, (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975.

\_\_\_\_\_. *Quaderni del cárcere*. Torino: Einaudi, 1977.

HÁJEK, M. *La discussione sul fronte unico e la rivoluzione mancata in Germania*. In: STORIA del marxismo. Torino: Einaudi, 1980. v. III: *Il marxismo nell'età della III Internazionale*.

LENIN, V. I. *Lo sviluppo del capitalismo in Russia. Opere Complete*. Roma: Editori Riuniti, 1956.

- \_\_\_\_\_. *Caratteristiche del romanticismo economico*. Roma: Editori Riuniti, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967a.
- \_\_\_\_\_. Rapporto sulla guerra e sulla pace, 7 marzo 1918, al III Congresso del PC(B)R. In: \_\_\_\_\_. *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967b. v. XXVII.
- \_\_\_\_\_. *Che cosa sono gli "amici del popolo" e come lottano contro i socialdemocratici?*. Roma: Editori Riuniti, 1972.
- \_\_\_\_\_. *A questão agraria e os críticos de Marx*. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Karl Marx*. Napoli: La città del sole, 1992.
- LOSURDO, D. *L'ipocondria dell'impolitico. La critica di Hegel ieri e oggi*. Lecce: Milella, 2001.
- LUKÁCS, G. *Il giovane Hegel e i problemi della società capitalistica*. Torino: Einaudi, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Lenin*. Torino: Einaudi, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Scritti politici giovanili 1919-1928*. Bari: Laterza, 1972.
- MARX, K. *Il Capitale*. Roma: Editori Riuniti, 1994.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Il manifesto del partito comunista*. Bari: Laterza, 1999.
- MORO, T. *L'Utopia*, Bari: Laterza, 2000.
- RAGIONIERI, E. *Socialdemocrazia tedesca e socialisti italiani 1875-1895*. Milano: Feltrinelli, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Il marxismo e l'Internazionale*. Roma: Editori Riuniti, 1968.
- SOCHOR, L. *La discussione filosofica degli anni venti*. In: STORIA del marxismo, Il marxismo nell'età della III Internazionale. Torino: Einaudi, 1980. V. III.